



EM CASCAIS
DÂNIÉLA RUTE NA ESCO-
LA DE EQUITACÃO DA
AREIA, AO LADO DA
QUINTA DA MARINHA,
ONDE ALGUMAS AMAS
LEVAM AS CRIANÇAS

LUXO

NANNIES



5 ESTRELAS

Viagem de jato, de iate e com motorista privado. Vivem entre Beverly Hills, a marina de Cannes e estâncias de esqui chiques como Kitzbuhel. São amas de luxo, portuguesas, cuja remuneração é proporcional aos requisitos que têm de preencher. Serem licenciadas, bilingues, desportistas e sóbrias são predicados básicos para cuidar dos filhos de gente muito rica

TEXTO DE TERESA GENS FOTOGRAFIAS DE NUNO BOTELHO





Na mansão dos príncipes sauditas em Beverly Hills, o dia começou para Helena. Tem de acordar a filha do casal real, garantir que ela veste o uniforme do colégio impecavelmente e que lava os dentes depois do pequeno-almoço. O staff da casa, 30 empregados, já está todo a pé quando a menina, de 10 anos, e sua ama, portuguesa, abandonam a ala que lhes é reservada na mansão e saem rumo ao Colégio Francês de Los Angeles. Passam os portões da casa, uma fortaleza de alta segurança, a bordo do automóvel para uso exclusivo da futura princesa, guiado pelo seu motorista, também ele exclusivo.

Exclusivo é, aliás, um conceito normal na vida desta criança, cujo nome não é revelado por questões de segurança. Por isso, para estar

ali como sua ama, Helena Jacobetty, de 29 anos, teve de preencher um sem-número de requisitos. O primeiro: ser fluente em francês. Canja, para alguém que estudou no Charles Le-pierre. Não é de estranhar que os príncipes queiram a filha a dominar o idioma: a segunda casa do casal real é em Paris, onde o patriarca tem negócios. É, aliás, normalíssimo Helena fazer, e desfazer, malas para viajar com a menina entre o seu império. “Têm casas em Paris, Londres, Seychelles, Los Angeles (LA), Bahamas e Arábia Saudita; alojam-se nos melhores hotéis, vão às melhores festas, passam férias em cenários paradisíacos”, tudo “experiências maravilhosas” que em qualquer outra profissão Helena jamais poderia viver.

Como nanny, Helena tem um estatuto acima dos demais empregados da mansão (que às vezes lhe fazem guerra) — possui infinitamente mais habilitações e capacidades —, mas lembra: “Não deixo de ser uma empregada”. Em LA tem tudo pago: cama, mesa, roupa lavada, viagens a Portugal. Ganha mensalmente três mil euros, limpos. Em troca, o que lhe é pedido não é pouco. Ela está a par da altura da farsquia e aceitou as condições: “Deixei a minha própria vida para trás; a vida dela passou a estar primeiro.”

“Isto não é só a parte glamorosa, estas nannies têm de ter caparro para aguentar”, comenta Filipa Almeida, diretora da Nanny Agency Portugal, que colocou Helena em Beverly Hills (ver caixa). “Muitas candidatam-se só pela re-

EM PAUSA VÂNIA FELIPE NA ZONA DA EXPO, ONDE RESIDE A FAMÍLIA ANGOLANA DA QUAL É AMA DOS TRÊS FILHOS, DUAS MENINAS, QUE LHE DERAM ALGUMAS DORES DE CABEÇA, E UM BEBÊ

muneração”, em média entre os 1500 e os 4000 euros. “O problema é que não encaram isto como uma profissão”, acrescenta. Atualmente, com uma carteira de 46 nannies (entre os 25 e os 35 anos), Filipa Almeida comenta a “enorme” dificuldade em recrutar boas profissionais: “Tenho cada vez mais pedidos de Portugal, Inglaterra e, sobretudo, de Angola, mas não tenho pessoas capazes, desistem no primeiro dia.”

Há candidatas que são educadoras de infância ou professoras do primeiro ciclo, mas ter formação específica não basta. “É preciso ter perfil, ser alguém com alguma experiência de vida, que viajou ou que saiu cedo da casa dos pais”, comenta a empresária, que anda “sempre e ativamente” em busca de boas amas, capazes de conquistar as crianças e os pais das crianças — sobretudo as mães, que “nestas famílias com elevado poder económico estão muito presentes”. São elas que têm poder de veto na escolha da ama — e nem sempre o único critério é a qualidade profissional: “Tenho uma que é ótima, mas é muito difícil colocá-la porque é lindíssima”, diz Filipa Almeida. As mães não querem uma estampa a cirandar lá por casa — vá-se lá saber porquê...

REGRAS PARA SER AMA

Além de tocar piano, falar francês e ser licenciada em História, Helena Jacobetty foi treinadora de voleibol de raparigas dos 10 aos 12 anos e andou, desde os oito anos, nos escuteiros, onde se habituou a dirigir passeatas e acampamentos. Agora, na mansão, não comanda. Está contratualmente estabelecido que as decisões são da mãe e jamais podem ser questionadas — ainda que aparentemente possam ser questionáveis.

A princesa saudita, sem atividade profissional, tem hábitos noctívagos, o que é “muito natural na cultura árabe”. Assim, se quiser ver a filha à noite, Helena deverá levantar a criança imediatamente. Pelo que há uma primeira regra: a ama não pode dormir fora de casa. Mas há muitas outras: no dia de folga — um por semana — o regresso é até às 23 horas; veste calças ou saia pelo joelho; não pode usar maquilhagem. Religião é tema tabu. Fumar e beber bebidas alcoólicas está fora de questão. São suas tarefas, por exemplo, arrumar o quarto da menina, escolher-lhe a indumentária, ajudar nos trabalhos de casa, agendar festas ou ser a interlocutora dos professores, já que os príncipes nunca comunicam diretamente com o colégio.

Muitas amas portuguesas travaram conhecimento com as famílias para quem trabalham durante o período de férias destas últimas em

**MUITAS AMAS
PORTUGUESAS TRAVARAM
CONHECIMENTO COM
AS FAMÍLIAS PARA QUEM
TRABALHAM DURANTE
AS FÉRIAS DESTAS
ÚLTIMAS EM PORTUGAL
E ACABARAM POR
CRIAR LAÇOS**

Portugal e acabaram por criar laços. Os estrangeiros gabam as portuguesas, que não são frias, ao contrário de outras, e que são mais carinhosas, maternas até.

É este o retrato que fazem de Daniela, que começou como baby-sitter em hotéis de cinco estrelas. Agora, há dois anos que viaja em trabalho. Arquiteta de formação, 29 anos e fluente em inglês, Daniela Rute trabalha como ama desde o arranque da agência — e já nem pensa na arquitetura. Como adora a liberdade, o modelo nanny interna não se lhe adapta bem. Prefere interagir com os miúdos em períodos de férias familiares. Esteve em Cannes num iate “enorme, à filme”, ancorado na marina, onde passadeiras vermelhas conduziam os convidados VIP ao festival de cinema. Cuidava do filho, de dois anos, de um casal angolano, sobretudo no 1º andar do iate. Os restantes dois andares e o jacuzzi, no deck, só os espreitou. “Temos que fazer uma leitura rápida para ‘entrar’ nos hábitos da família e perceber os limites”, explica, tarimbada.

Habituada a famílias angolanas, muitas delas bem conhecidas no Ritz, diz que vivem uma realidade (económica) à parte. “Uma vez



SÓ PARA A FOTO HELENA JACOBETTY NUM PARQUE INFANTIL, O TIPO DE LOCAL ONDE DIFICILMENTE LEVARÁ A SUPERPROTEGIDA FILHA DOS PRÍNCIPES SAUDITAS PARA QUEM TRABALHA, EM LOS ANGELES

m-me 200 euros para ir à Kidzania, com menino, já depois do almoço e com moto-particular. Só era preciso pagar a entrada, recém-chegada da Áustria, ondeapanhou uma família londrina nas suas férias de neve. Foi uma semana na exclusiva estância de Kitzbuhel, eden dos amantes de esqui, para cuidar de duas crianças, um menino de quatro anos e uma menina de dois. Não esquiou, passou o tempo com os pais e foi às compras — por exemplo um casaco de peles adquirido no ex-libris da vila, a rua principal, há lojas Louis Vuitton, Gucci, e outras que mostram sim, mostra sim.

A mãe é “extremamente rigorosa com os filhos mas incapaz de dizer não aos filhos”. Ainda em Londres, no elegante bairro de Notting Hill havia dado a Daniela um horário a cumprir: estância: alvorada às seis, uma hora para jantar antes do pequeno-almoço, aula de esqui, piscina, cabeleireiro ou treino, mais jantar e cama às 19h30 — tudo ao ritmo da mãe, sob a supervisão da mãe. Daniela traça com facilidade a linha que divide o espaço de cada uma: “A nanny cabem as crianças, tomar conta da criança 24 sobre 24 horas, correr atrás dela se ela fogue; para a mãe é a

parte boa.” E essa é, basicamente, a razão de ser desta profissão: “A nanny não substitui a mãe, que nas famílias de nível económico muito alto está lá, vai é permitir que ela tenha tempo de qualidade com os filhos, sem as lutas das mães ‘normais’”.

Nestas férias de neve — duas semanas e meia, remuneradas com 2200 euros mas que não lhe permitiram fazer o seu adorado snowboard “naquelas montanhas deliciosas” —, Daniela confirmou que, da sua formação em arquitetura, ficou-lhe “uma criatividade que facilita a interação com as crianças através das atividades manuais”. Desenhos e iPad (todas estas crianças têm um) são atividades correntes entre as variadíssimas mudas diárias de roupa. “Vestia as crianças para cada ocasião: pequeno almoço, esqui, almoço, piscina, jantar e, finalmente, o pijama”.

MENINOS MIMADOS?

“Uns são mimados, outros não”, diz Filipa Almeida, que conhece todas as histórias. Nestas famílias com elevado poder económico há crianças que, apesar das mordomias, “são muito fáceis”. A filha dos tais príncipes sauditas, por exemplo, “não é nada mimada”. “Mas há casos difíceis”,

NAS FAMÍLIAS COM ALTO PODER ECONÓMICO HÁ CRIANÇAS QUE, APESAR DAS MORDOMIAS, SÃO FÁCEIS. MAS TAMBÉM HÁ CASOS DIFÍCEIS, COMO O DA MENINA QUE EXIGIA OVOS KINDER AO PEQUENO-ALMOÇO

acrescenta. Vânia Felipe que o diga. Quando começou a trabalhar como ama na casa da família angolana, onde ainda está, viu a vida a andar para trás. Com residência em Luanda e Lisboa, o casal tem empresas nos dois países e quis uma ama para cuidar dos seus três filhos.

A receção de Vânia foi inolvidável. As duas raparigas, de 5 e de 9 anos, saltavam em cima do sofá e gritavam: “Tu aqui não mandas nada, fazes o que nós mandamos.” “Testaram-me até ao limite”, recorda. Vânia chorou nos primeiros tempos, quase desistiu, mas diz que “domou as feras”, sempre com carta branca da mãe, que “conhece bem as filhas”. Sem o aval materno não há resultados, garante a ama, que é natural de Leiria.

Fala por experiência, contando o caso da menina de dois anos — de pai norueguês e mãe brasileira — que acompanhou durante três meses, numa viagem “incrível”. “Nem queria acreditar que ia viajar num jato igualzinho ao do filme “O Sexo e a Cidade”, com uma cabina para cada um”, recorda Vânia. Foi uma “experiência maravilhosa”. Visitou a Noruega, Áustria, Chipre, Dubai, Singapura, Hong Kong e, por fim, Tailândia, “sempre em hotéis cinco estrelas”.

O pai da menina mal se via, andava em negócios. A mãe acompanhava o marido à noite em eventos. De dia estava com a ama e a filha. “Era uma mãe jovem, insegura. A menina era a primeira filha, muito mimada, exigia ovos Kinder ao pequeno-almoço e a mãe dava-lhos.” Gastavam diariamente cerca de 150 euros em brinquedos — a mãe defendia o mérito das bonecas, a ama introduzia os jogos didáticos. O pai apoiava as decisões de Vânia e pediu-lhe que ensinasse inglês à filha, que se afeiçoou à ama. Houve ciúmeira e tensão. Nem o triplo do ordenado que o pai da criança ofereceu à portuguesa a convenceu a ficar: “Não conseguia trabalhar com a mãe.”

Há poucas semanas pediram-lhe que reconsiderasse, mas a vida de Vânia é agora com a família angolana. Recentemente, até ficou sozinha com as meninas, porque “a mãe foi inaugurar casa nova a Luanda”, onde o pai vive a maior parte do tempo. A mãe, que estuda alemão e piano, prefere Portugal. As meninas são ocupadíssimas. Frequentam um colégio inglês na linha de Cascais — onde chegam de motorista —, e têm numerosas atividades, de ballet a pintura, de natação a música, passando por ateliês de cozinha.

Vânia trata do irmão das meninas — com um ano — até elas chegarem, depois ajuda-as nos trabalhos de casa, em inglês. Às vezes, jan-

Amas para famílias “de bom nome”



Filipa Almeida, de 39 anos, licenciada em marketing de moda, viveu e trabalhou nos EUA e em Londres nesta área. Quando regressou a Portugal, há cerca de três anos, montou uma empresa de organização de bastidores de moda e arriscou numa loja de sapatos e acessórios no coração de Lisboa. Mas a crise tinha começado, e os clientes começaram a escassear. Uma gravidez de risco e sete meses parada em casa deram-lhe tempo para detetar uma lacuna: Portugal não tinha uma agência de amas — e assim nasceu a Nanny Agency Portugal. Pouco depois da abertura ligou-lhe um português que dizia ser responsável pelo recrutamento de empregados para as casas de um príncipe saudita e que tinha lido sobre a agência no jornal. Precisava de uma ama. Filipa pensou inicialmente tratar-se de brincadeira, mas a coisa era séria e culminou numa reunião em Paris, onde tudo ficou alinhavado. O casal real foi o seu primeiro cliente internacional. Hoje, além de trabalhar “em todas as famílias portuguesas de bom nome”, que habitam no eixo Lisboa/Cascais, tem “vários clientes estrangeiros com elevado poder económico”, sobretudo de Londres e Luanda. Uma internacionalização para a qual foram cruciais as parcerias que a agência firmou com hotéis de cinco estrelas.

tam todas juntas. Por volta das 20h, chichi e cama. Televisão só à sexta-feira, e “quando se portam bem” — e é a ama que decide. No sábado vão ao teatro ou ao cinema. Vânia sente-se “muito mais realizada” nesta casa do que no jardim de infância onde trabalhava antes.

Aos 16 anos as meninas entram num colégio interno, em Londres, para ganharem autonomia. Até lá contam com Vânia, que, sendo metódica, não é uma straight nanny — designação dada ao grupo de amas defensoras da educação germânica.

Daniela encaixa neste perfil: “Se temos todos uma criança dentro de nós, eu não tenho que reprimi-la, vivo a brincar com crianças e

adoro”, diz. Sabe de cor as datas de aniversário dos seus meninos e defende que se deve dar carinho sem restrições, nunca perdendo de vista a disciplina — disciplina que cresceu com ela, Nadadora federada até entrar em Arquitetura, treinava às seis da manhã em Lisboa e estava na escola, em Almada, onde vivia, às 8h30. Nas férias grandes lidava muito com miúdos das escolas, na praia, onde foi nadadora-salvadora verões a fio. “Hoje dá-me muito jeito, porque estas famílias têm sempre uma piscina por perto”. Este mês, além de piscina, tem por perto o Pacífico: 20 dias a cuidar de crianças, entre Palm Springs e Miami. ●

revista@expresso.impresa.pt